

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

The Côa Valley Apiaries Walls

Dalila Correia¹



Palavras-chave: muros apiários; Baixo Vale do Côa; colmeias e predadores; produção melífera.

Key words: apiaries walls; Lower Côa valley; beehives predators; honey production.

¹ Dalila Susana da Rocha Correia (n. 6 de Dezembro de 1977) é natural de Vila Nova de Foz Côa. Em 1996 inicia o seu percurso no mundo da arqueologia, no recém-criado Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), exercendo funções de Guia/intérprete. Em 2002 conclui a Licenciatura de História, Variante de Arqueologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desde 2004 desenvolve trabalho no Centro Nacional de Arte Rupestre, sob a direcção de António Martinho Baptista. Em 2007 o CNART é extinto e integrado no PAVC, serviço dependente do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, voltando assim a exercer funções no PAVC, nomeadamente ao nível da investigação e divulgação da arte rupestre e do património arqueológico.

Resumo

O Baixo Côa corresponde a um território agreste por onde correm sinuosas linhas de água ladeadas por encostas íngremes e de difícil acesso. O clima caracteriza-se pelo rigor do Inverno e pela extrema secura do Estio. Na Primavera, a paisagem cobre-se de um manto exuberante e multicolor graças à enorme diversidade de florações. O observador mais atento poderá notar o zumbir do enxame a aproveitar este momento de ricas pastagens.

No território do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) podemos ainda hoje observar construções que se impõem na paisagem e que terão tido como primeira função guardar as obreiras do mel. O número elevado destas verdadeiras “fortalezas” e o esforço empreendido para as erguer em encostas muitas vezes com declive acentuado, revelam por si só a importância que o mel e a cera teriam na economia doméstica.

Este trabalho pretende dar a conhecer os muros apiários que inventariámos na área do PAVC e ainda outros que, por se situarem imediatamente no limites desta área, tivemos oportunidade de registar. Ao longo do trabalho detectámos diferentes tipologias de construção, variadas implantações, diversos modos de construção, várias matérias-primas utilizadas e distintos usos na actualidade. A diversidade existente é reflexo de períodos em que a produção melífera certamente pesou de forma diferente na economia da região ou mesmo a nível nacional. As flutuações da procura do mel e da cera e o desaparecimento do maior predador das colmeias – o urso – foram responsáveis por uma progressiva diminuição da dimensão dos muros apiários, numa primeira fase, e pelo seu abandono, numa segunda.

Nos dias que correm, e para a maior parte dos casos, já não existe memória da construção e uso de muros-apiários, nem mesmo entre o segmento da população detentora de saberes mais antigos. Este aspecto relacionar-se-á com a conclusão a que chegámos durante a elaboração deste estudo, a saber: a cronologia de um número significativo de muros-apiários será bastante recuada.

Relativamente ao mel, ainda hoje tem um lugar de destaque entre os produtos do Vale do Côa, fruto quer da sua qualidade, quer da relativa quantidade de produção, dados que por si só atestam a grande potencialidade melífera da região.

Abstract

The Lower Côa valley is a wild territory where sinuous water streams run through steep slopes difficult to reach. The climate is characterized by extremes. In the spring the landscape is covered by exuberant vegetation due to huge bloom diversity.

In the Côa Valley's Archaeological Park (PAVC), we still observe nowadays constructions imposed in the landscape that had as a prime function the protection of honey bees. The large number of these real "fortresses" and the effort made to build them on slopes reveal the importance of honey and wax to the economy of the region.

This work seeks to promote apiaries walls that we inventoried in the PAVC area and some others situated in the boundaries of this region. Throughout this work, we have detected different types of construction, various implantations, a range of raw material and different functionalities in the contemporary world. This diversity is a reflection of periods when honey had a different weight in the local and even national economy. The fluctuations in the demand for honey and wax as well as the disappearance of the largest beehives predator – the bear- were responsible for a gradual decrease in the amplitude of apiaries walls in a first moment and the abandonment in a second moment.

These days, and to most of the cases, there is no memory of the building and use of this structures, not even among the oldest population which holds the old knowledge. These aspects are connected with the results of this study related with the chronology of a significant number of apiaries walls which seems to be of long gone time.

Related to honey, it still has a place among the regional products of the Côa Valley which results of both its quality and the relative amount of production, data which attest the great potential of honey production in this region.

Introdução

Pretende-se com este trabalho publicar os muros-apiários existentes na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), assim como outras quatro estruturas do mesmo tipo que, por razões diversas, julgamos deverem aqui ser incluídas. Assim, os muros do Olival do Ferreira e da Volta da Picanceira localizam-se já a leste da estrada que delimita o Parque a nascente. Contudo, uma vez que julgamos não ser uma estrada um bom delimitador geográfico de um trabalho deste tipo, prolongámos a nossa área de intervenção até à Ribeira de Aguiar, ficando deste modo incluídos nestas páginas aqueles monumentos. Já os muros das Encruzilhadas e da Ribeira do Muro localizam-se na margem norte do Douro, no concelho de Torre de Moncorvo. Deveu-se tal opção à monumentalidade de um deles e à proximidade do outro. Por outro lado, não se localizando na área do PAVC, encontram-se imediatamente a norte.

Um projecto com estas características não se faz senão em equipa. Assim, um primeiro agradecimento vai para o Fernando Dias que conosco dirigiu os trabalhos de campo. Um obrigada ainda à Carla Magalhães, ao Jorge Davide Sampaio e ao André Tomás Santos, que em diversos momentos contribuíram para que este texto visse a luz do dia.

Este trabalho começará por caracterizar brevemente a região do ponto de vista geográfico. Seguidamente descreveremos cada um dos sítios tendo em conta os critérios adoptados por HENRIQUES *et alii* (1999-2000, 346). Esta opção deve-se, por um lado, à assunção de que aqueles critérios são essenciais para uma caracterização do fenómeno à escala regional, e por outro, ao facto de permitir comparações entre as construções que aqui estudamos e as de outras regiões, nomeadamente a do Alto Tejo português.

Seguidamente procederemos ao estudo global ao nível das implantações destas estruturas. O ponto seguinte será dedicado à caracterização arquitectónica. Aqui procurar-se-á averiguar semelhanças e diferenças entre os diversos muros que compõem o nosso caso de estudo. Sempre que possível, os dados gerais por nós inferidos serão comparados com os provenientes de outras regiões. Finalmente, o último ponto cruzará as informações até aí expostas com outras de natureza documental e etnográfica de forma a proceder-se a uma integração histórica do fenómeno.

1. Breve caracterização geográfica

A área sobre a qual nos debruçamos (Fig. 1) corresponde aos limites poentes da superfície fundamental da Meseta Ibérica. Esta encontra o seu término alguns quilómetros a Ocidente, num degrau que paralelamente ao Vale da Vila e ao *graben* de Longroiva, se desenvolve no sentido norte-sul (FERREIRA, 1978, 81). Esta superfície de aplanamento é, por sua vez, profundamente escavada pela rede hidrográfica, integrável na bacia do Douro. Merecem particular destaque o rio Côa e a ribeira de Aguiar. O primeiro corre de sul para norte num percurso que começa por ser rectilíneo e se meandriza no sector mais a jusante, a segunda segue de sudeste para nordeste um traçado bastante sinuoso até alcançar o Douro. Estas características devem-se por um lado a factores tectónicos vários e, por outro, aos diferentes substratos rochosos da região (MEIRELES, 1997, 42). Assim, a sul predominam os granitos, situação que faz com que aí os cursos de água sigam percursos quase rectos em vales profundamente encaixados; o sector norte é dominado pelos xistos, percorrendo aí as linhas de água vales em V e altamente meandrizados. Os interflúvios das zonas graníticas são quase planos, pontuando na paisagem os afloramentos, blocos e bolas daquela natureza litológica. Já na zona de xisto, os interflúvios caracterizam-se pela platitude arredondada. Se as linhas de água condicionadas pela tectónica e substrato que percorrem são responsáveis pelo cortar da superfície da Meseta, deve-se destacar na região um importante relevo, que por outro lado, sobreviveu aos processos de aplanamento que lhe deram a forma actual. Referimo-nos ao monte de São Gabriel, cujos quartzitos ordovícios que o constituem permitiram a sua conservação (SILVA e RIBEIRO, 1991, 8).

Do ponto de vista climático, insere-se na Província do Alto Douro, caracterizando-se pelas fortes amplitudes térmicas anuais, sendo os Verões longos e muito quentes e os Invernos muito frios e secos, registando-se uma fraca pluviosidade ao longo do ano (inferior a 500 mm) (LAUTENSACH, 1997, 366). Este facto aliado à pobreza dos solos condiciona sobremaneira o coberto vegetal da região. Assim, do ponto de vista da Fitossociologia, esta zona integra a Região Mediterrânica, Superprovíncia Mediterrânica Ibero-Atlântica, Província Carpetano-Ibérico-Leonesa, sector Lusitano-Duriense, Superdistrito da Terra Quente (COSTA *et alii*, 1998, 26-27).

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

Dalila Correia

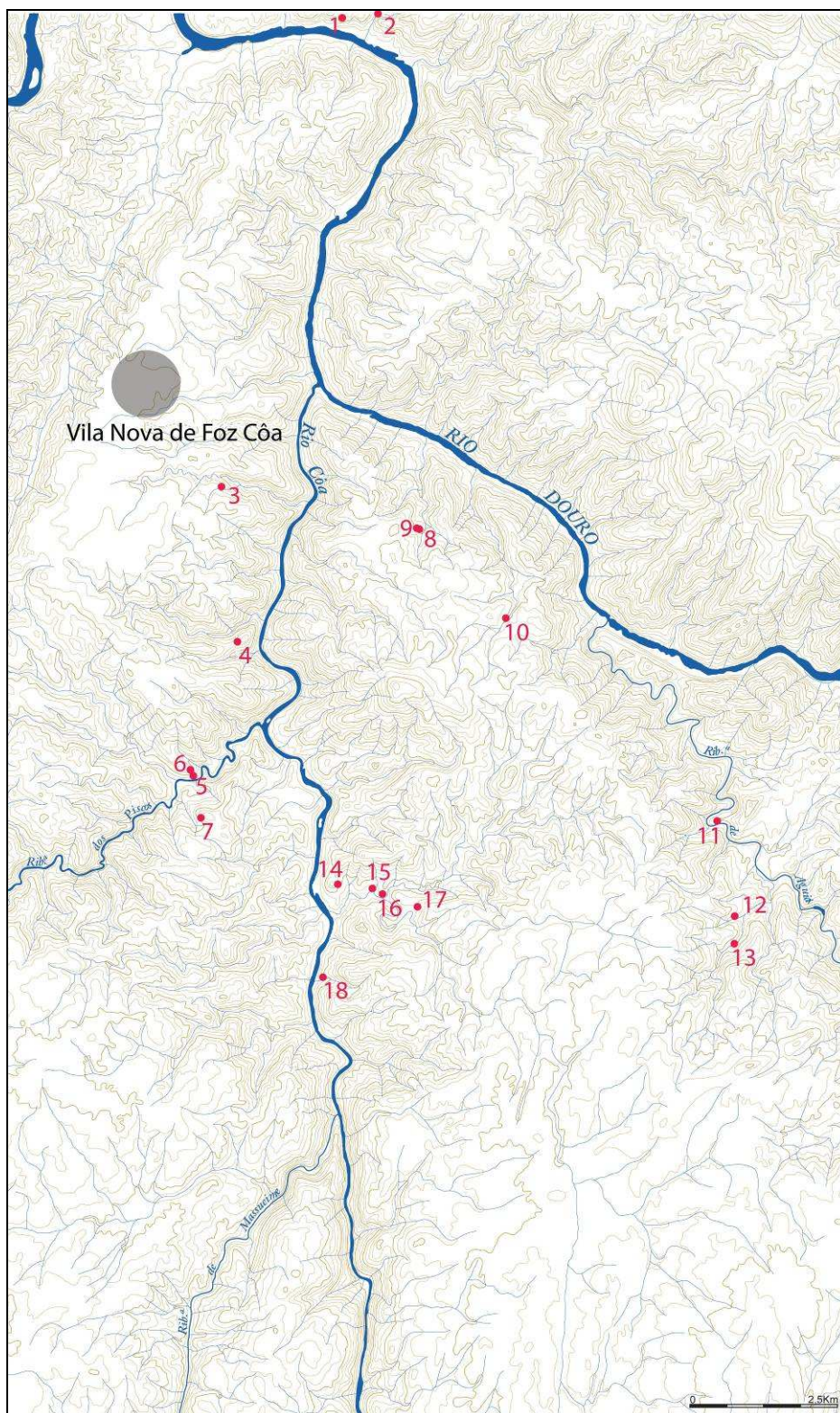


Figura. 1. Localização dos muros-apiários na área estudada. 1: Encruzilhadas; 2: Ribeira do Muro; 3: Vale de Moinhos; 4: Monte Texugo; 5: Piscos I; 6: Piscos II; 7: Monte; 8: Orgal I; 9: Orgal II; 10: Curral Alto; 11: Quinta da Leda; 12: Olival do Ferreira; 13: Volta da Picanceira; 14: Tapada da Penascosa; 15: Ribeirinha; 16: Ribeira do Picão; 17: Hortastortas; 18: Vale de Janas.

Se assim é em relação à vegetação espontânea, também as culturas agrícolas são aqui muito específicas, predominando a vinha, o olival e o amendoal. Até não há muitos anos o cultivo dos cereais, em particular do centeio, era também praticado, restando os pombais² como testemunhos dessas épocas. A estrutura fundiária corresponde essencialmente à pequena propriedade que é explorada ainda de forma tradicional³. A prática da pastorícia, em particular de ovinos, é ainda hoje frequente em regime complementar. O mesmo se pode dizer da apicultura, existindo neste momento no concelho de Vila Nova de Foz Côa, segundo dados fornecidos por apicultor da região, cerca de 70 pessoas que se dedicam a esta actividade que explorarão mais de 3200 colmeias e cortiços. Tal facto evidencia bem a relevância desta prática na região, relevância essa que, a atestar pelas estruturas que seguidamente descreveremos, é algo que terá tido origem há alguns séculos atrás.

2. Inventário

2.1. Muro do Vale de Janas

Localiza-se em encosta sobranceira ao Côa, na sua margem direita, muito perto da confluência do Canal de Vale de Janas com aquele rio. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 40° 59' 34, 49" N; 7° 06' 13, 35" O, encontrando-se a uma altura média de 165 m (Fig. 2). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se já muito perto da base da vertente, debruçando-se sobre o Canal do Vale de Janas, localizado imediatamente a sul, direcção para onde se orienta a estrutura (Fig. 3).

Apresenta uma planta sub-circular (Fig. 4); o muro é construído sobretudo com xisto, pontuando aqui e ali o quartzo leitoso. O aparelho caracteriza-se pela regularidade, sendo composto pela sobreposição de lajes dispostas na horizontal e de forma perpendicular em relação às faces; a exterior é bastante regular (terá sido a referência do alinhamento das lajes), contrastando

² A criação de pombos complementava geralmente as práticas cerealífera e vinícola. Se, por um lado, o restolho dos cereais servia como alimento aos pombos, o guano (designado localmente como pombito) que era recolhido nos pombais era utilizado como adubo nos vinhedos.

³ Excepção feita à cultura da vinha onde a par dos pequeno proprietário encontramos já grandes empresas que exploram áreas de considerável dimensão com técnicas e recursos inovadores.

vivamente com a interior que apresenta um ar bastante mais caótico; não se observou qualquer tipo de ligante. A inclinação é de 36,5 %.

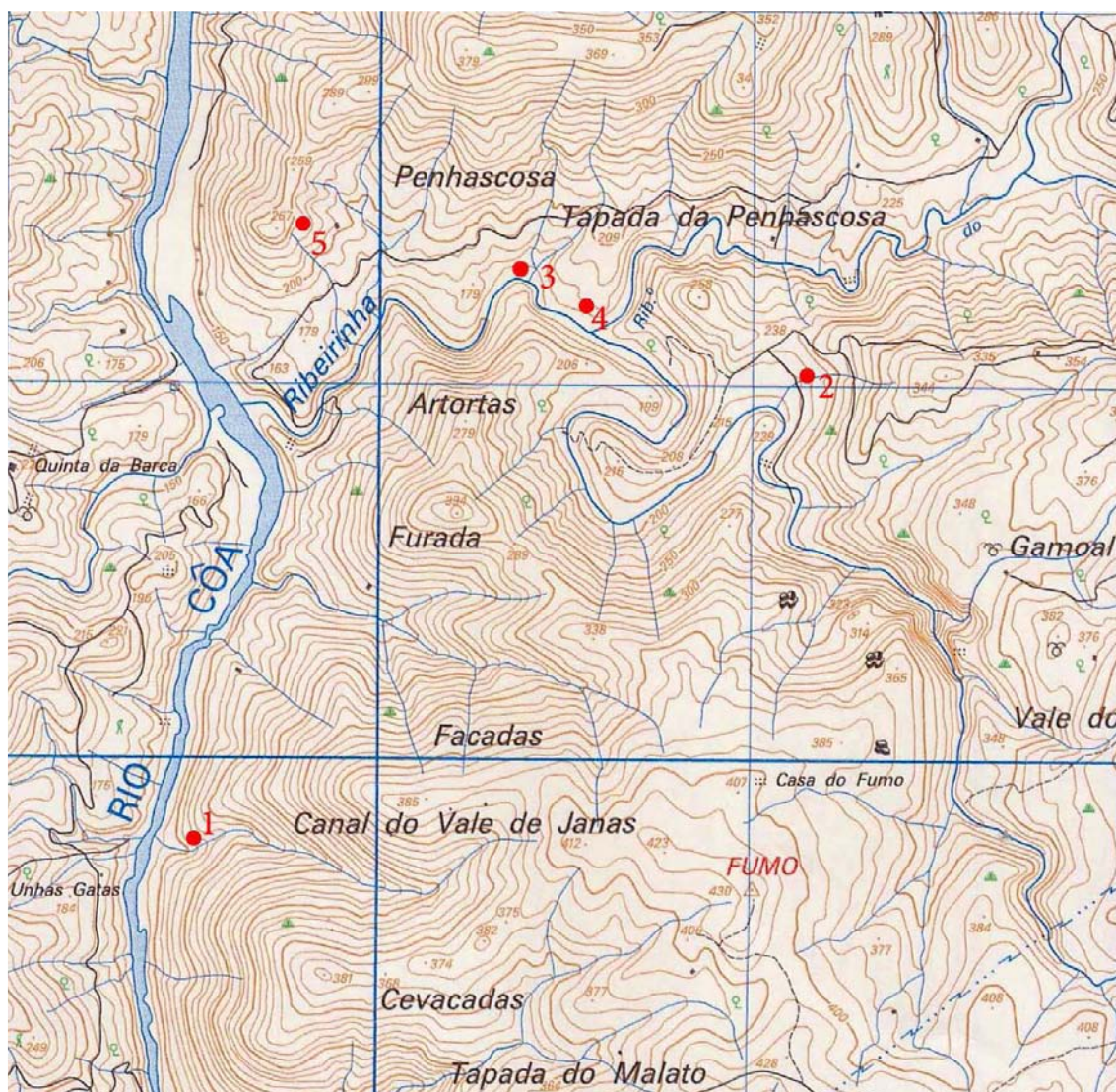


Figura 2. Localização na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) dos seguintes muros-apiários: Vale de Janas (1), Hortastortas (2), Ribeirinha (3), Ribeira do Picão (4) e Tapada da Penascosa (5).

Apresenta respectivamente 20,80 m e 16,50 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,95 m do lado superior, os 4,30 m do lado direito, os 5,90 m (incluindo afloramento) do lado inferior e os 2,90 m do lado esquerdo (onde o derrube é mais visível); os vestígios de cobertura que ainda se observam permitem-nos inferir que aquela correspondia a um beirado saliente para o exterior. Da porta não se observa já qualquer sinal. Por outro lado, algumas lajes salientes para o interior poderão ter funcionado como degraus

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

Dalila Correia

(estes vestígios encontram-se no lado inferior). Observa-se um socalco construído em pedra seca, correspondendo os restantes a afloramentos naturais. À volta observam-se vários socalcos, implantando-se a cerca de 30 m uma casa de apoio apícola (como é evidente pelas lajes e cortiços existentes no seu interior) e uma eira definida, tal com é comum na zona, por lajes horizontais.



Figura 3. Vista geral do Vale de Janas; ao fundo observa-se o Côa.



Figura 4. Outra vista, mais aproximada do mesmo muro.



Figura 5. Localização do muro de Hortastortas no contexto paisagístico onde se localiza.

2.1. Muro de Hortastortas

Localiza-se na metade norte de um colo por onde passa uma linha de água subsidiária da margem direita da Ribeirinha, a cerca de 75 m da confluência de ambos. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 13, 81" N; 7° 05' 02, 73" O, encontrando-se a uma altura média de 151 m (Fig. 2). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (29 %), debruçando-se sobre o curso de água secundário atrás referido, localizado imediatamente a sul, direcção para onde se orienta a estrutura (Fig. 5).

Apresenta actualmente uma planta semicircular (Fig. 6); o muro é construído quase exclusivamente com xisto, aparecendo o granito residualmente. O aparelho caracteriza-se pela regularidade, intercalando fiadas de lajes dispostas na horizontal com *estratos* constituídos por elementos de médio calibre e forma mais irregular; a face exterior (Fig. 7) é bastante mais regular que a interior (Fig. 8). Aqui e ali observam-se vestígios de uma argamassa de base argilosa. O interior mede respectivamente 40,70 m e 33,80 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 3,10 m do lado superior, os 3,00 m do lado direito e os 3,27 m do lado esquerdo. Já não é observável qualquer tipo de cobertura. A porta (Fig. 9) situa-se ao centro do lado direito, orientando-se para oeste; mede 1,60 m de altura, 0,90 m de largura e 0,80 m de espessura. O lintel corresponde a uma laje de xisto, sendo a soleira definida por outras duas justapostas; os lados caracterizam-se por espaços vazios entre as lajes que poderão corresponder a elementos de suspensão de uma porta.

Observa-se um socalco construído em pedra seca, correspondendo os restantes a afloramentos naturais. Adossada ao sector inferior do lado direito do muro encontra-se uma pequena estrutura edificada em pedra seca, de planta semicircular e à qual falta cobertura (Fig. 10); poder-se-á tratar de um acrescento bastante posterior. Se bem que actualmente a planta do edifício seja semicircular, nada nos garante que assim tenha sido de origem. Nesta *zona de vazio* observam-se três lajes fincadas com cerca de 0,50 m de altura. Para oés-noroeste encontram-se os muros da Ribeirinha (a 750 m) e Ribeira do Picão (625 m); a cerca de 100 m para sul encontra-se uma casa de apoio agrícola.



Figura 6. Vista geral do muro de Hortastortas.



Figura 7. Porta e aparelho exterior do mesmo muro.



Figura 8: Interior de Hortastortas.

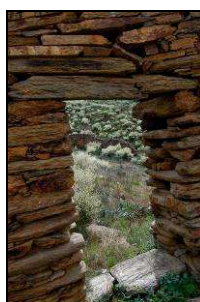


Figura 9: Porta de Hortastortas.



Figura 10: Anexo exterior de Hortastortas.

2.2. Muro da Ribeirinha

Implanta-se perto da base do sector oeste de um colo que se forma pela junção de duas linhas de água que sensivelmente de norte para sul confluem para a Ribeirinha. Encontra-se imediatamente a norte desta e para oeste daquelas. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 22, 23" N, 07° 05' 34, 74" O, a uma altitude média de 155 m (Fig. 2). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (34 %), debruçando-se sobre a Ribeirinha, que corre imediatamente a sul, direcção para onde se orienta a estrutura (Fig. 11).

Apresenta uma planta sub-circular (Fig. 12); o muro é construído quase exclusivamente com xisto. O aparelho caracteriza-se pela regularidade, sendo constituído pela sobreposição linear de lajes de xisto alinhadas a partir da face exterior (Fig. 13) que é bastante mais regular que a interior. Não se observa qualquer ligante. O interior mede respectivamente 21,00 m e 23,20 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 1,30 m do lado superior

(parcialmente coberto por sedimentos), os 4,90 m do lado direito, os 4,20 m do lado inferior e os 4,50 m do lado esquerdo. Já não é observável qualquer tipo de cobertura. A porta, parcialmente destruída há poucos anos (Fig. 14), situa-se no lado esquerdo, orientando-se para leste; em 2001 encontrava-se ainda intacta, tendo nessa altura sido possível obterem-se as seguintes medidas: 1,50 m de altura, 0,90 m de largura e 1,20 m de espessura. O lintel e a soleira correspondiam a lajes de xisto.



Figura 11. Vista geral do muro da Ribeirinha; em primeiro plano encontra-se a Ribeirinha.

Observam-se seis socalcos construídos em pedra seca (dois deles já muito danificados) e um que aproveita um afloramento natural. No interior do cercado, adossada ao lado superior, encontra-se uma casa de planta rectangular (Fig. 15) construída em pedra seca com o lado menor voltado a nascente; aqui abre-se uma porta com lintel, soleira e ombreira do lado

esquerdo definidas por lajes de xisto; a ombreira do lado direito só em parte corresponde a uma peça deste tipo; no seu interior, adossada a afloramentos, observa-se uma estrutura semicircular (Fig. 16) que poderá corresponder a um apoio para material apícola; nesses mesmos afloramentos observam-se alguns furos (Fig. 17) que se poderão relacionar com esta actividade. Na parede meridional desta estrutura encontra-se uma janela conseguida pela condenação de uma porta. Ainda no interior do recinto observam-se várias lajes que terão servido de apoio aos cortiços.



Figura 12. Vista frontal da Ribeirinha.

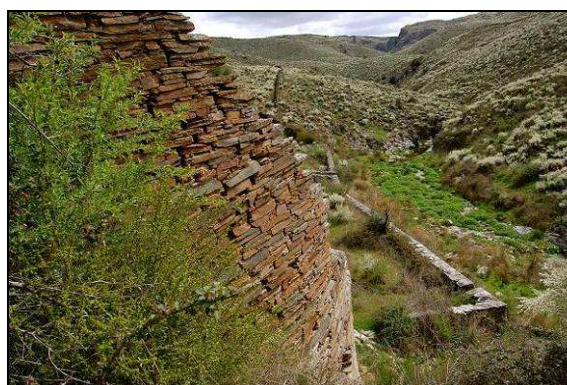


Figura 13. Pormenor da face exterior da Ribeirinha.



Figura 14: Porta e anexo interior da Ribeirinha.



Figura 15: Anexo interior da Ribeirinha; em primeiro plano, observam-se alguns socalcos.

No exterior, adossado ao lado esquerdo do muro encontra-se um murete que define uma área ampla de planta sub-retangular. Integra um complexo de muros e socalcos construídos com xisto e seixos de quartzo de médio e grande calibre. No seu entorno mais imediato encontram-se também outras construções rústicas que podem interpretar-se como *choças*. Encontra-se a

cerca de 180 m para oés-noroeste do muro da Ribeira do Picão e a cerca de 600 m para este – sudeste do da Tapada da Penascosa. A cerca de 100 m para norte encontra-se a via calçada de origem medieval/moderna que ligava Almendra ao Côa.



Figura 16. Interior do anexo da Ribeirinha, observando-se aí a estrutura sub-circular que aí se encontra.



Figura 17. Pormenor da estrutura; em cima vêem-se os furos no afloramento.

2.3. Muro da Ribeira do Picão

Implanta-se perto do sopé de um relvo que se abate sobre a Ribeirinha, a cerca de 180 m para és-sudeste do muro anterior. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 20, 05" N, 07° 05' 19, 262" O, a uma altitude média de 175 m (Fig. 2). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (33 %), debruçando-se para sul sobre a Ribeirinha (Fig. 18).

Apresenta uma planta sub-rectangular (Fig. 19); o muro é construído maioritariamente com xisto, se bem que o granito rolado e o quartzito branco também abundem. O aparelho caracteriza-se pela irregularidade, sendo o muro conformado pela justaposição de elementos pétreos de diferentes calibres, formas e naturezas. Não se observa qualquer ligante. As superfícies das faces são ambas bastante irregulares. O interior mede respectivamente 42,00 m e 31,00 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,30 m (com afloramento) do lado superior, os 1,50 m do lado direito, os 2,70 m (com afloramento) do lado inferior e os 1,40 m do lado esquerdo. Já não é observável qualquer tipo de cobertura. A porta (Fig. 20) situa-se no lado direito, orientando-se para oeste; apresenta as seguintes medidas actuais: 1,20 m de altura, 1,80 m de largura e 0,70 m de espessura. Não se observou qualquer ombreira, lintel ou soleira. Observam-se três socalcos construídos em pedra seca e diversos afloramentos

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

Dalila Correia

aplanados (Fig. 21). No interior do cercado, adossado ao lado esquerdo, encontra-se uma casa construída em pedra seca cujo exterior apresenta uma configuração sub-rectangular (Fig. 22) e o interior se desenvolve em cotovelo (Fig. 23). Como se poderia supor, a calçada que servia o muro anterior facilitava de igual modo o acesso a este.



Figura 18. Foto de ambiente do muro da Ribeira do Picão.



Figura 19. Interior do mesmo muro.



Figura 20. Porta do muro da Ribeira do Picão.



Figura 21. Socalco da Ribeira do Picão.



Figura 22. Anexo interior da Ribeira do Picão.



Figura 23. Outro aspecto da mesma estrutura.

2.4. Tapada da Penascosa

Situa-se na metade superior da encosta, correndo à sua esquerda uma linha de água sazonal que desagua na Ribeirinha (Fig. 24), curso de água que delimita a vertente por sul e que corresponde ao mais importante subsidiário da margem direita do Côa. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 27, 66" N, 07° 06' 00, 10" O, a uma altitude média de 240 m (Fig. 2). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (38 %), orientando-se para sudeste.

Apresenta uma planta subcircular (Fig. 25); o muro é construído quase exclusivamente com xisto. O aparelho (Fig. 26) caracteriza-se pela regularidade, sendo constituído essencialmente por lajes dispostas em fiadas na horizontal; bandas constituídas por elementos de grande calibre intercalam com outras de maior altura onde as lajes são de menores dimensões. A superfície da face externa é bastante regular, contrastando com o aspecto menos ordenado da face interna. Não se observa qualquer ligante. Mede respectivamente 27,00 m e 17,50 m de comprimento

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

Dalila Correia

longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 3,40 m do lado esquerdo, onde se encontra num razoável estado de conservação e os 2,40 m do lado inferior. No entanto, a sua base assenta em afloramentos rochosos que elevam as suas medidas máximas para 3,95 m no lado inferior e 4,70 m no lado direito. Da cobertura e da porta já não existem quaisquer vestígios. Os socalcos são formados por afloramentos naturais que ocorrem no interior; no entanto, admitimos a hipótese de terem existido socalcos construídos. Muito perto, a cerca de 600 m para és-sudeste, localiza-se o Muro da Ribeirinha a que já fizemos referência.



Figura 24. Vista da implantação do muro da Tapada da Penascosa.



Figura 25. Vista geral do mesmo muro.



Figura 26. Pormenor da face exterior do muro da Tapada da Penascosa.

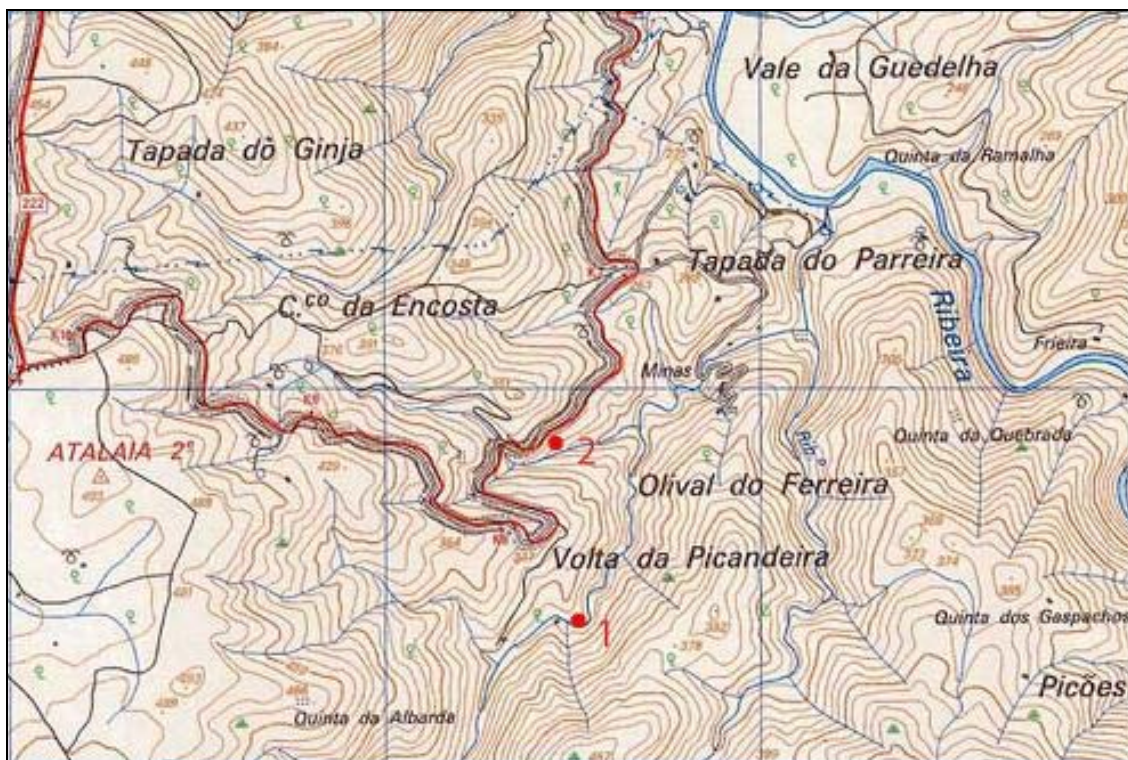


Figura 27. Localização na folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) dos seguintes muros-apiários: Volta da Picandeira (1) e Olival do Ferreira (2).

2.5. Muro da Volta da Picandeira

Implanta-se na base de pequeno esporão sobranceiro a linha de água subsidiária do ribeiro de Bajoca, por sua vez afluente da ribeira de Aguiar. Este esporão desenvolve-se na margem esquerda do referido curso de água, numa direcção noroeste-sudeste. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 40° 59' 48, 59" N, 07° 01' 13, 65" O, a uma altitude média de 280 m⁴ (Fig. 27). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (32 %), debruçando-se para sul (Fig. 28), na direcção do curso de água referido.

Apresenta uma planta sub-circular; o muro é construído quase exclusivamente com xisto. O aparelho (Figs. 29 e 30) caracteriza-se pela sua irregularidade, sendo constituído por elementos pétreos de diferentes calibres intercalados pontualmente por grandes lajes dispostas na

⁴ Aqui o topónimo aparece referido como Volta da Picandeira.

horizontal. A superfície da face externa é bastante regular, contrastando com o aspecto confuso da face interna. Não se observa qualquer ligante. O interior mede respectivamente 17,10 m e 16,10 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 4,20 m do lado superior (muito destruído), os 3,50 m do lado direito, os 4,50 m do lado inferior e os 3,10 m do lado esquerdo. Já não é observável qualquer tipo de cobertura. A porta (Fig. 31) localiza-se no lado direito, orientando-se para oeste; apresenta as seguintes medidas: 1,40 m de altura, 0,80 m de largura e 1,30 m de espessura. O lintel e a soleira correspondiam a lajes de xisto. A primeira encontra-se rebaixada na face inferior de forma a facilitar o encaixe da porta; encontra-se ainda perfurada no lado esquerdo, certamente para aí se colocar o eixo sobre o qual rodava aquela (Fig. 32). Observam-se diversos socalcos que aproveitam afloramentos naturais.



Figura 28. Vista de ambiente do muro da Volta da Picanceira.



Figura 29. Face exterior do muro da Volta da Picanceira.

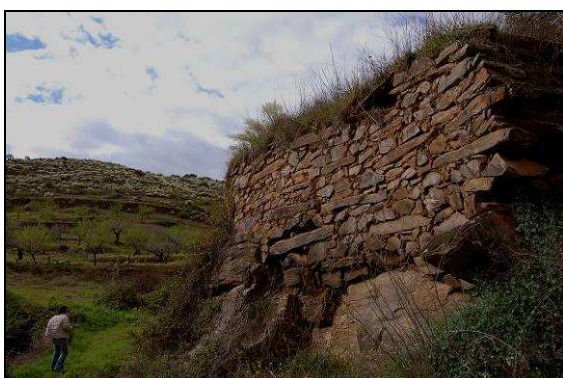


Figura 30. Outro aspecto da mesma face, observando-se aqui o aproveitamento dos afloramentos como embasamento do muro.



Figura 31. Porta do muro da Volta da Picanceira.

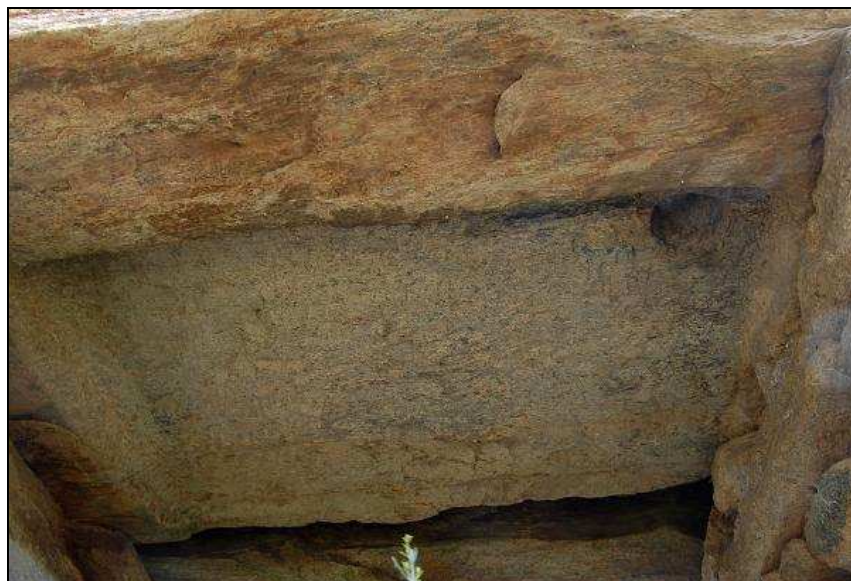


Figura 32. Vista interna do lintel da porta do muro da Volta da Picanceira.

A cerca de 30 m para oeste e já na margem oposta identifica-se uma construção rústica em pedra seca destinada ao apoio da actividade agrícola; a cerca de 300 m na mesma direcção mas já na mesma margem identifica-se um outro edifício do mesmo tipo e possivelmente com a mesma função. O muro do Olival do Ferreira localiza-se a cerca de 500 m para norte.

2.6. Muro do Olival do Ferreira

Implanta-se junto ao sopé de uma vertente que se desenvolve na direcção sudeste até a uma linha de água que conflui com a que serve o muro anterior. De acordo com a folha 151 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) localiza-se nas seguintes coordenadas geográficas: 41° 08' 33, 84" N, 07° 01' 16, 12" O, a uma altitude média de 275 m (Fig. 27). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive acentuado (40 %), debruçando-se para sudeste, na direcção do curso de água referido (Fig. 33).

Apresenta uma planta sub-circular; (Fig. 34) o muro é construído quase exclusivamente com xisto. O aparelho caracteriza-se pela regularidade, sendo constituído essencialmente por lajes dispostas em fiadas na horizontal. A superfície da face externa é bastante regular, contrastando com o aspecto menos ordenado da face interna. Não se observa qualquer ligante. O interior

mede respectivamente 16,50 m e 16,70 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 4 m dos lados superior e direito, os 5,10 m (com afloramento) do lado inferior e os 2,90 m do lado esquerdo. Já não é observável qualquer tipo de cobertura. A porta, parcialmente destruída em altura, localiza-se no lado esquerdo, orientando-se para nordeste; apresenta as seguintes medidas: 0,65 m de largura e 0,85 m de espessura. A soleira corresponde a uma laje de xisto. Observam-se quatro socalcos construídos e outros que aproveitam afloramentos naturais. Algumas lajes de xisto que terão servido de apoio aos cortiços encontram-se ainda *in situ*. Para além do muro anterior a cuja proximidade já nos referimos, devemos ainda destacar a presença próxima de um pombal (a cerca de 250 m para nor-nordeste) e de uma exploração de saibro (a cerca de 500 m para és-nordeste).



Figura 33. Vista de ambiente do muro do Olival do Ferreira.



Figura 34. Vista mais aproximada do mesmo muro.

2.7. Muro da Quinta da Leda

Localiza-se na metade inferior da vertente sul de um esporão que se desenvolve na direcção este-oeste e que é rodeado por um meandro da Ribeira de Aguiar. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 00' 58, 00" N; 07° 01' 24, 15" O, encontrando-se a uma altura média de 185 m (Fig. 35). Administrativamente pertence à freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sul na direcção da Ribeira de Aguiar, implantando-se em topografia bastante íngreme (45 % de inclinação) (Fig. 36).

Apresenta uma planta sub-circular; o muro é construído exclusivamente com xisto. O aparelho (Fig. 37) caracteriza-se pela utilização de elementos de diversos tamanhos que são consolidados pela aposição a espaços regulares de grandes lajes de xisto rectangulares, podendo estas

aparecer em fiadas ou isoladas; a superfície da face exterior é bastante regular (terá sido a referência do alinhamento das lajes), contrastando vivamente com a interior que apresenta um ar bastante mais caótico; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 22,40 m e 26,50 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,45 m do lado superior, os 3,30 m do lado direito, os 4,00 m do lado inferior e os 3,50 m do lado esquerdo; da cobertura já não existem vestígios. A porta (Fig. 38) localiza-se no lado direito, orientando-se para oeste; apresenta as seguintes medidas: 1,40 m de altura, 0,90 m de largura e 1,00 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes de xisto. Na face exterior daquele e de algumas das pedras que conformam as ombreiras observam-se alguns sulcos filiformes de cronologia possivelmente recente. Observam-se diversos socalcos que aproveitam afloramentos naturais, assim como outros três construídos em pedra seca. A 1200 m para sul localiza-se o muro da Volta da Picanceira; observando-se a 50 m um moinho de água e uma construção rústica de planta circular edificada em pedra seca.

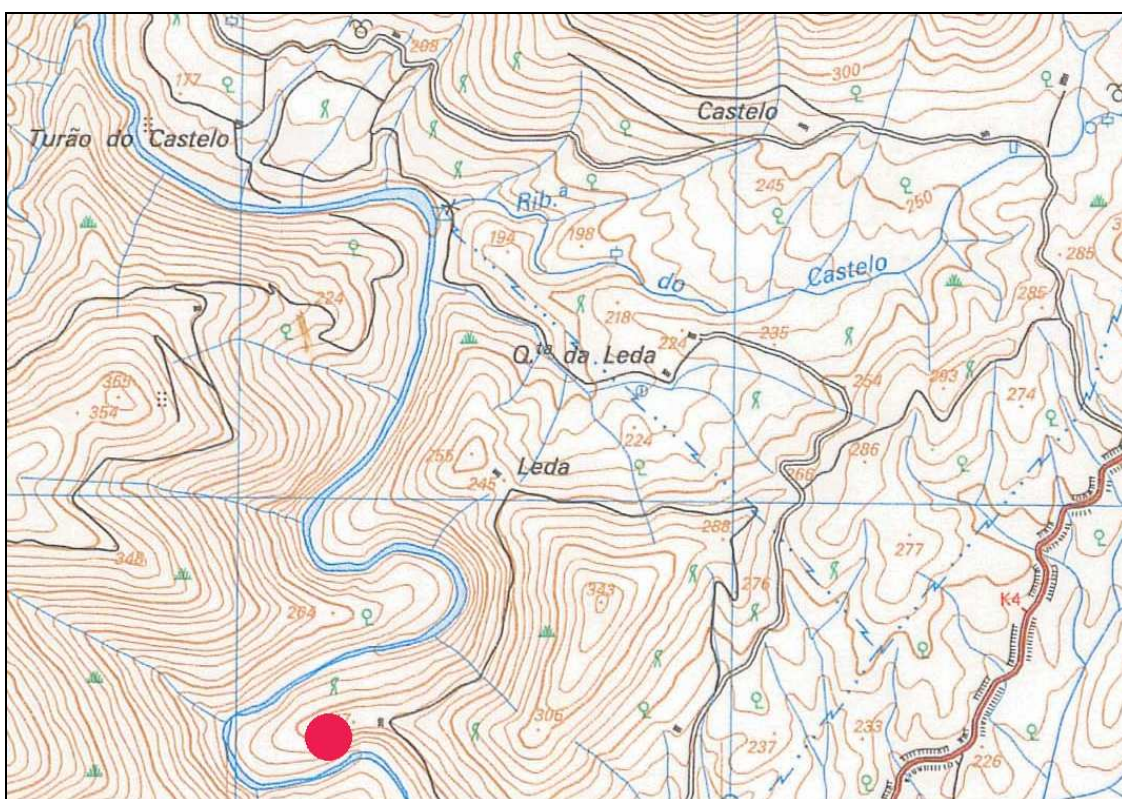


Figura 35. Localização na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) do muro-apiário da Quinta da Leda.



Figura 36. Vista da implantação do muro da Quinta da Leda.

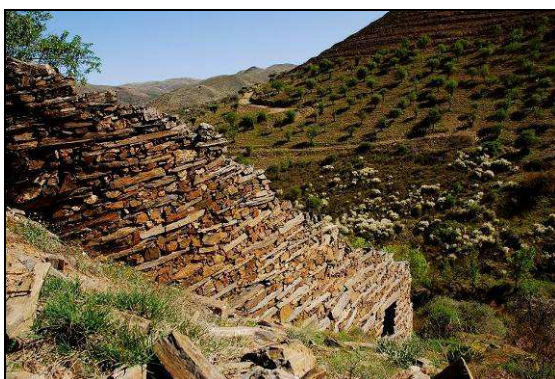


Figura 37. Pormenor da face exterior do mesmo muro.

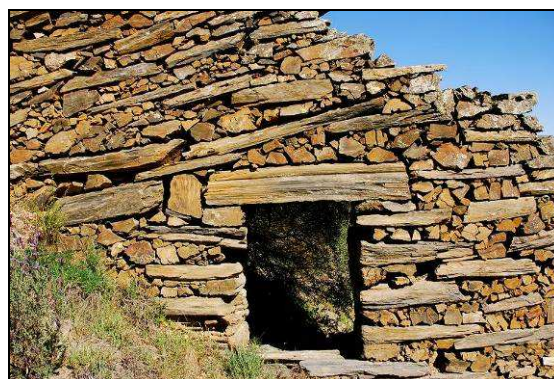


Figura 38. Porta do muro da Quinta da Leda.

2.8. Muro de Vale de Moinhos

Localiza-se na perto do topo de um cabeço limitado a sul por uma linha de água subsidiária da margem direita da ribeira de Vale de Moinhos. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 04' 03, 50" N; 07° 07' 19, 26" O, encontrando-se a uma altura média de 348 m (Fig. 39). Administrativamente pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sudeste desenvolvendo-se paralelamente à linha de água mencionada atrás e apresentando um

subtil declive (19%). Apresenta uma planta sub-circular (Fig. 40); o muro é construído exclusivamente com xisto, observando-se vestígios de ligante à base de argila. O aparelho caracteriza-se pela existência de um *embasamento* constituído por lajes de dimensões elevadas, embasamento esse que suporta o resto do paredão formado pela sobreposição de elementos pétreos de menores dimensões dispostos na horizontal e organizados em fiadas; a superfície da face exterior (Fig. 41) é bastante regular (terá sido a referência do alinhamento das lajes), contrastando vivamente com a interior (Fig. 42) que apresenta um ar copiosamente mais caótico. Apresenta respectivamente 14,65 m e 12,30 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,17 m do lado superior, os 1,90 m do lado direito, os 2,50 m do lado inferior e os 2,60 m do lado esquerdo; a cobertura corresponde a um beirado de lajes salientes. Apresenta duas portas, encontrando-se uma, localizada no lado direito e voltada a sudoeste, condenada; não foi possível registar as suas dimensões devido à densidade da vegetação envolvente; A porta actualmente aberta localiza-se no lado superior, orientando-se para noroeste; apresenta as seguintes medidas: 1,45 m de altura, 0,60 m de largura e 0,58 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes de xisto. Observam-se dois socalcos construídos em pedra seca e alguns afloramentos aplanados. Na margem oposta da linha de água observam-se alguns lameiros e hortas que ainda são explorados.



Figura 39. Localização na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) do muro-apiário de Vale de Moinhos.



Figura 40. Vista geral do muro de Vale de Moinhos.



Figura 41. Vista exterior do muro de Vale de Moinhos.



Figura 42. Vista do interior do mesmo cercado

2.9. Muro I de Piscos

Localiza-se na metade inferior da encosta sul de um relevo que é rodeado por um meandro da Ribeira de Piscos. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 01' 27, 74" N; 07° 07' 42, 38" O, encontrando-se a uma altura média de 187 m (Fig. 43). Administrativamente pertence à freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sudeste na direcção da Ribeira de Piscos, em plano com uma inclinação de 32 %.

Apresenta uma planta rectangular com os vértices não muito angulosos (Fig. 44); o muro é construído exclusivamente com xisto. O aparelho (Fig. 45) caracteriza-se pela irregularidade, sendo os elementos que o compõem de diversos calibres; as superfícies de ambas as faces não primam pela regularidade; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 32,10 m e 20,60 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,50 m do lado superior, os 2,90 m (com afloramento) do lado inferior e os 1,50 m do lado esquerdo; A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. A porta (Fig. 46) localiza-se no lado superior, orientando-se para oeste; apresenta as seguintes medidas: 1,00 m de altura, 0,79 m de largura e 0,70 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes de xisto. Observam-se diversos socalcos que aproveitam afloramentos naturais, assim como outros seis construídos em pedra seca; observam-se ainda várias estruturas que poderão ter servido de suporte aos cortiços. Estas correspondem a lajes dispostas na horizontal apoiadas em outras fincadas no solo (Fig. 47). Junto à porta, no interior do cercado, restam as ruínas de uma casa de apoio de planta rectangular, também ela construída em pedra seca.

A cerca de 250 m para oés-sudoeste encontra-se a Quinta de Piscos; a 50 m para nor-nordeste identifica-se o muro II de Piscos; a 300 m localiza-se um pombal.

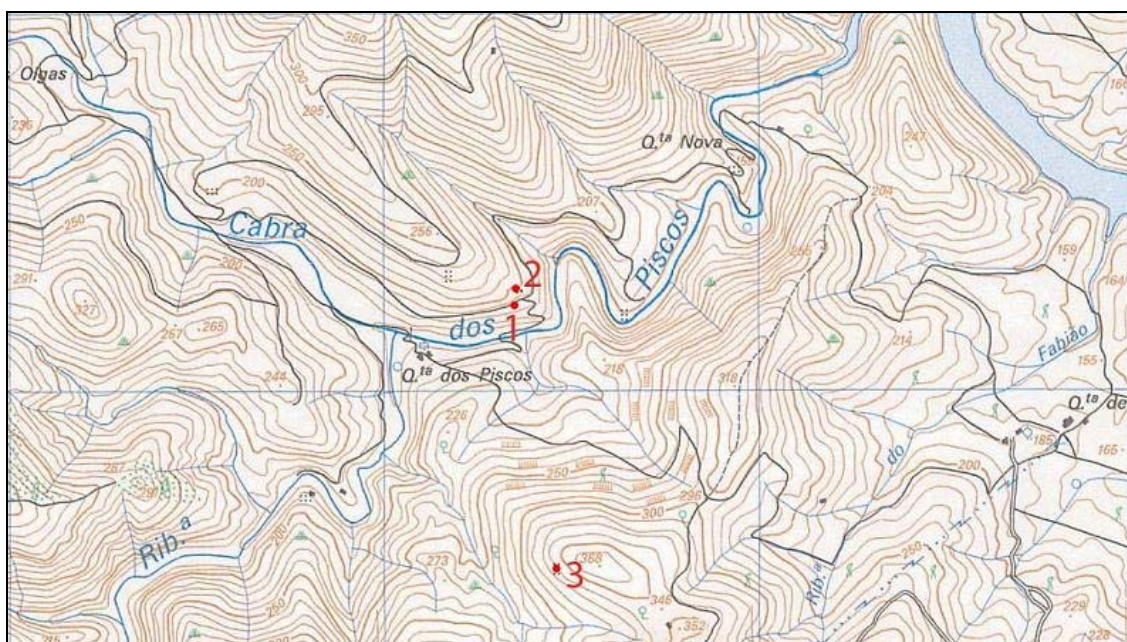


Figura 43. Localização na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) dos seguintes muros-apiários: Piscos I (1), Piscos II (2) e Monte (3).

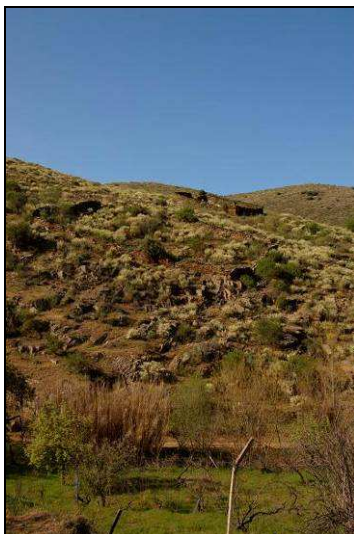


Figura 44. Muros de Piscos; em primeiro plano localiza-se o inventariado como I.



Figura 45. Vista da face exterior do muro I de Piscos.



Figura 46. Porta do mesmo muro.



Figura 47. Estrutura de suporte de cortiços do mesmo muro.

2.10. Muro II de Piscos

Localiza-se a cerca de 50 m para nor-nordeste do anterior, na mesma encosta, implantando-se em topografia ligeiramente menos inclinada (28 %) (Fig. 44). De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 01' 29, 19" N; 07° 07' 42, 23" O, encontrando-se a uma altura média de 198 m (Fig. 43). Administrativamente pertence à freguesia de Muxagata, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sudeste na direcção da Ribeira de Piscos.

Apresenta uma planta rectangular com os vértices bastante marcados (Fig. 48); o muro é construído exclusivamente com xisto. O aparelho caracteriza-se pela irregularidade, sendo os elementos que o compõem de diversos calibres; apenas nas esquinas se observa uma predominância de lajes de forma rectangular e grande tamanho; a superfície da face exterior é bastante mais regular que a da interior (Fig. 49), não se salientando muito, no entanto, por esta característica; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 21,20 m e 9,20,00 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,00 m do lado superior, os 2,80 m do lado direito, os 3,50 m do lado inferior e os 2,25 m do lado esquerdo; A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. A porta (Fig. 50) localiza-se no lado esquerdo, orientando-se para nordeste; apresenta as seguintes medidas: 1,55 m de altura, 0,70 m de largura e 0,75 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes de xisto. Observam-se diversos socalcos que aproveitam afloramentos naturais, assim como um construído em pedra seca; observam-se ainda várias lajes *in situ* que poderão ter servido de suporte aos cortiços. No lado inferior identifica-se uma porta parcialmente condenada, processo que a transformou em pequena janela. Na área da esquina deste lado com o direito, o muro foi ligeiramente alteado acima do beirado.



Figura 48. Vista exterior do muro II de Piscos.

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA
Dalila Correia



Figura 49. Interior do muro II de Piscos.



Figura 50. Porta do muro II de Piscos.

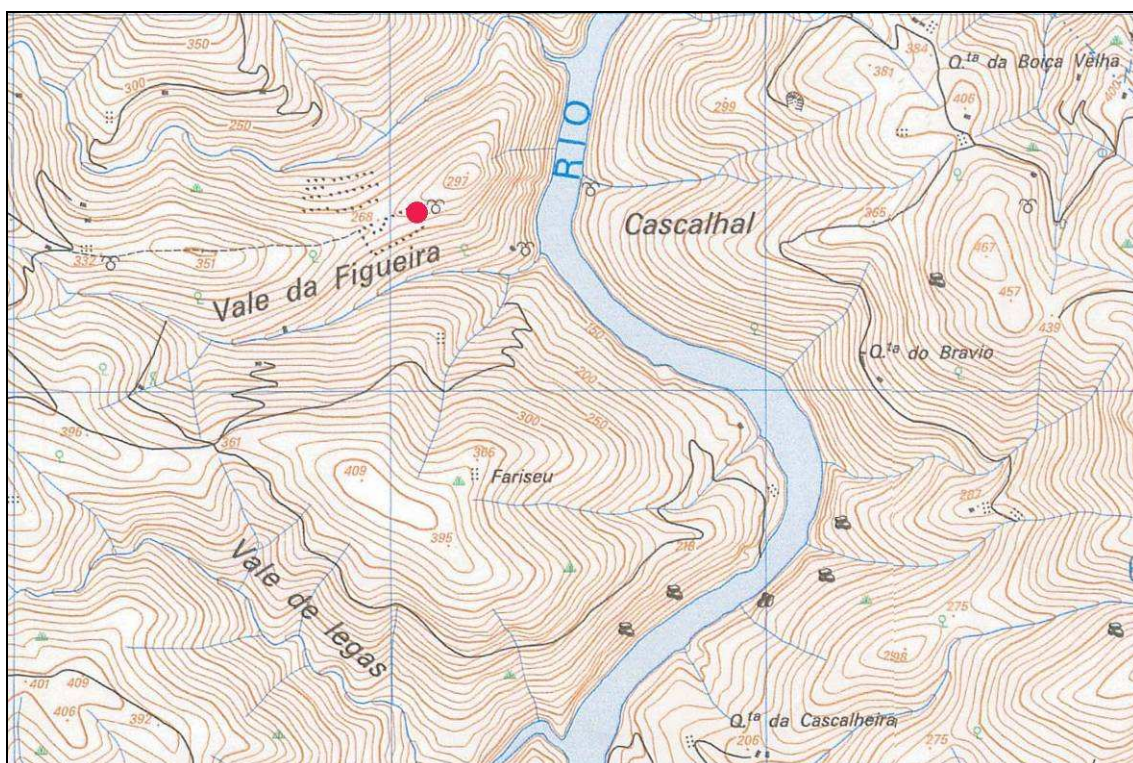


Figura 51. Localização na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) do muro-apiário do Monte Texugo.

2.11. Muro do Monte Texugo

Localiza-se na metade superior da encosta sul do Monte Texugo, relevo este que é definido a sul pela ribeira de Vale de Figueira, a este pelo rio Côa e a norte pela ribeira do Vale de Videiro. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 02' 39, 84" N; 07° 07' 09, 70" O, encontrando-se a uma altura média de 270 m (Fig. 51). Administrativamente pertence à freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sul na direcção da ribeira de Vale de Figueira, implantando-se em terreno ligeiramente inclinado (22 %).

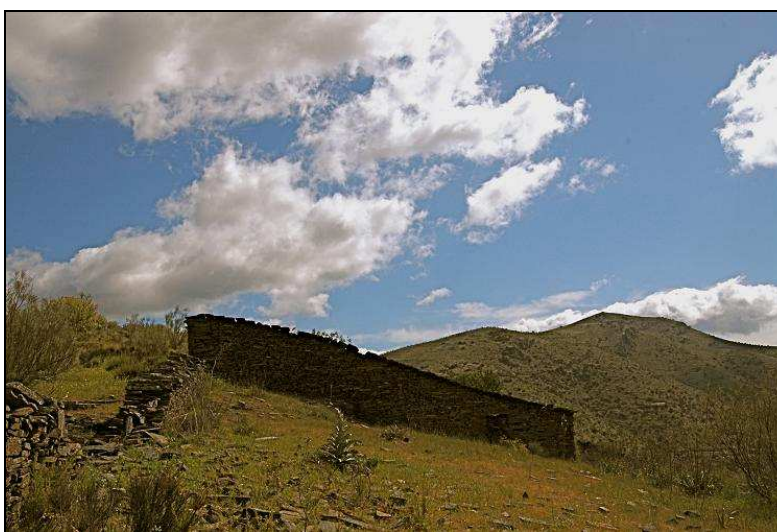


Figura 52. Vista exterior do muro de Monte Texugo.



Figura 53. Face exterior e beiral do muro de Monte Texugo.

Apresenta uma planta rectangular (Fig. 52); o aparelho (Fig. 53) é algo irregular, existindo elementos pétreos de diversos calibres, privilegiando-se, no entanto, as grandes lajes horizontais; as superfícies das faces caracterizam-se pela regularidade, sendo esta característica mais evidente na exterior; não se identificou qualquer ligante. Apresenta respectivamente 12,20 m e 18,10 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,00 m do lado superior, os 2,45 m do lado direito, os 2,30 m do lado inferior e os 2,00 m do lado esquerdo; A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. No cercado foram abertas duas portas; uma, entretanto condenada, localiza-se no lado direito, orientando-se para oeste; apresenta as seguintes medidas: 1,20 m de altura, 0,85 m de largura e 0,80 m de espessura. A que actualmente se encontra aberta posiciona-se no lado superior, orientando-se para norte; mede 1,50 m de altura, 0,70 m de largura e 0,85 m de espessura; O lintel

corresponde a uma laje de xisto. Consegue-se ainda observar muito disfarçado pela vegetação um socalco construído em pedra seca; No exterior adossaram-se uma construção de planta quadrangular e outra de planta sub-circular, ambas construídas em pedra seca.

O muro insere-se numa propriedade cercada (Fig. 54) onde se identifica ainda uma casa de habitação sazonal e uma malhada de grande imponência; muito perto localiza-se um pombal; na extremidade oposta do relevo onde se implanta o complexo encontra-se um colmeal ainda a produzir.



Figura 54. Vista onde se observa a inserção do muro do Monte do Texugo no contexto mais amplo das construções e espaços que o envolvem.

2.12. Muro do Curral Alto

Localiza-se junto à ribeira da Cabreira, implantando-se de forma perpendicular ao leito daquela linha de água que aqui segue um percurso sudoeste-nordeste. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 02' 51, 18" N; 07° 03' 57, 15" O, encontrando-se a uma altura média de 407 m (Fig. 55). Administrativamente pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de

Foz Côa. Debruça-se para sudeste na direcção da ribeira da Cabreira, implantando-se em terreno ligeiramente inclinado (20 %) (Fig. 56).

Apresenta uma planta sub-circular. O aparelho (Fig. 57) caracteriza-se pela regularidade, sendo o muro formado pela justaposição de lajes na horizontal, observando-se a intervalos mais ou menos certas lajes de maiores dimensões; a superfície da face exterior é bem mais regular que a interior, tendo certamente servido de referência para a construção do paredão; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 23,00 m e 28,00 m de comprimento longitudinal e transversal. O lado superior do muro foi destruído em 2001. A altura do mesmo varia entre os 4,00 m (com afloramento) do lado direito, os 3,20 m do lado inferior e os 2,20 m do lado esquerdo; Da cobertura não se observa qualquer vestígio. A porta localiza-se no lado direito, encontrando-se parcialmente sedimentada e condenada (Fig. 57); orientando-se para sudoeste; apresenta as seguintes medidas: 1,00 m de altura, 0,95 m de largura e 1,00 m de espessura. O lintel corresponde a uma laje de xisto. Não se observam socacos construídos, verificando-se por outro lado o aproveitamento de um afloramento rochoso. Um nicho foi feito perto da porta. Próximo do sítio desenvolve-se uma calçada de origem medieval/moderna.

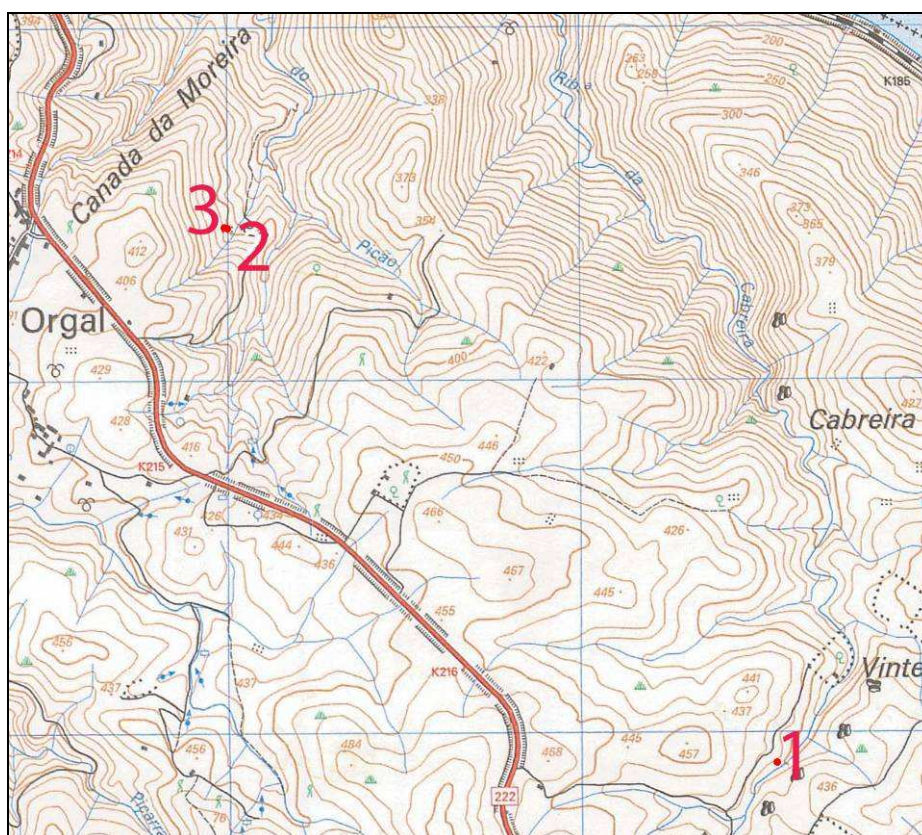


Figura 55. Localização na folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) dos seguintes muros: Curral Alto (1), Orgal I (2) e Orgal II (3).



Figura 56. Vista geral do muro de Curral Alto.

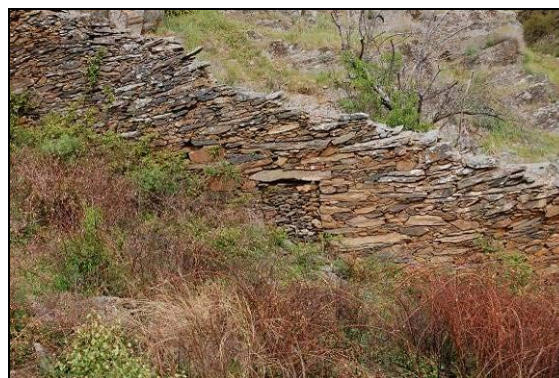


Figura 57. Face exterior e porta encerrada do mesmo muro.

2.13. Muro I do Orgal

Localiza-se junto a uma linha de água subsidiária da margem esquerda da ribeira do Picão. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 03' 41, 26" N; 07° 01' 24, 15" O, encontrando-se a uma altura média de 200 m (Fig. 55). Administrativamente pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sudeste na direcção da linha de água referida atrás, implantando-se em terreno inclinado (33 %) (Fig. 58).

Apresenta uma planta rectangular. O lado direito superior e o sector mais elevado do esquerdo são definidos por um muro (maioritariamente xisto) construído em pedra seca, cujo aparelho é caracterizado pelo intercalamento de lajes de maiores dimensões e elementos pétreos de menor calibre; os lados restantes são definidos pela sucessão de lajes de xisto fincadas na vertical. Ambas as superfícies do muro são bastante irregulares; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 23,00 m e 28,00 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 1,50 m do lado superior, os 1,20 m do lado direito, os 0,95 m do lado inferior e os 1,30 m do lado esquerdo; Da cobertura não se observa qualquer vestígio. Observam-se duas portas: uma no lado esquerdo, orientada para nordeste, e definida pelo intervalo entre o final do muro e o arranque da fiada de pedras fincadas; outra no lado inferior, virada a sudeste, e definida pela interrupção dessa mesma fiada. Observam-se três socalcos construídos em pedra seca; outros três do mesmo tipo são observáveis já no exterior, imediatamente abaixo do lado inferior. Destaque-se a qualidade excepcional dos apoios e

socalcos para os cortiços. Alguns destes exemplares encontravam-se ainda *in situ* no ano de 2001.



Figura 58. Vista geral do muro I do Orgal.

2.14. Muro II do Orgal

Localiza-se a 15 m para nor-noroeste do anterior (Fig. 59). De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 03' 41, 06" N; 07° 05' 02, 46" O, encontrando-se a uma altura média de 207 m (Fig. 55). Administrativamente pertence à freguesia de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Debruça-se para sudeste, implantando-se em terreno bastante inclinado (41 %).

Apresenta uma planta sub-retangular. O aparelho caracteriza-se pela sobreposição pouco ordenada de elementos pétreos (maioritariamente xistos) de diversas formas e calibres; as superfícies de ambas as faces são muito irregulares; não se observou qualquer tipo de ligante. Apresenta respectivamente 14,50 m e 6,40 m de comprimento longitudinal e transversal. O muro encontra-se demasiado destruído para que se possa avaliar com segurança as suas dimensões. A porta localiza-se no lado esquerdo, orientando-se para nordeste; apresenta as seguintes

OS MUROS-APIÁRIOS DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

Dalila Correia

medidas: 1,30 m de altura, 0,76 m de largura e 0,60 m de espessura. Observam-se seis socalcos construídos (Fig. 60).



Figura 59. Vista geral dos muros do Orgal.



Figura 60. Socalcos do muro II do Orgal.

Para além destes muros, identificámos outros dois fora da área deste trabalho. Contudo, dado o seu interesse patrimonial e visto encontrarem-se muito próximos (na outra margem do Douro), passaremos a descrevê-los.

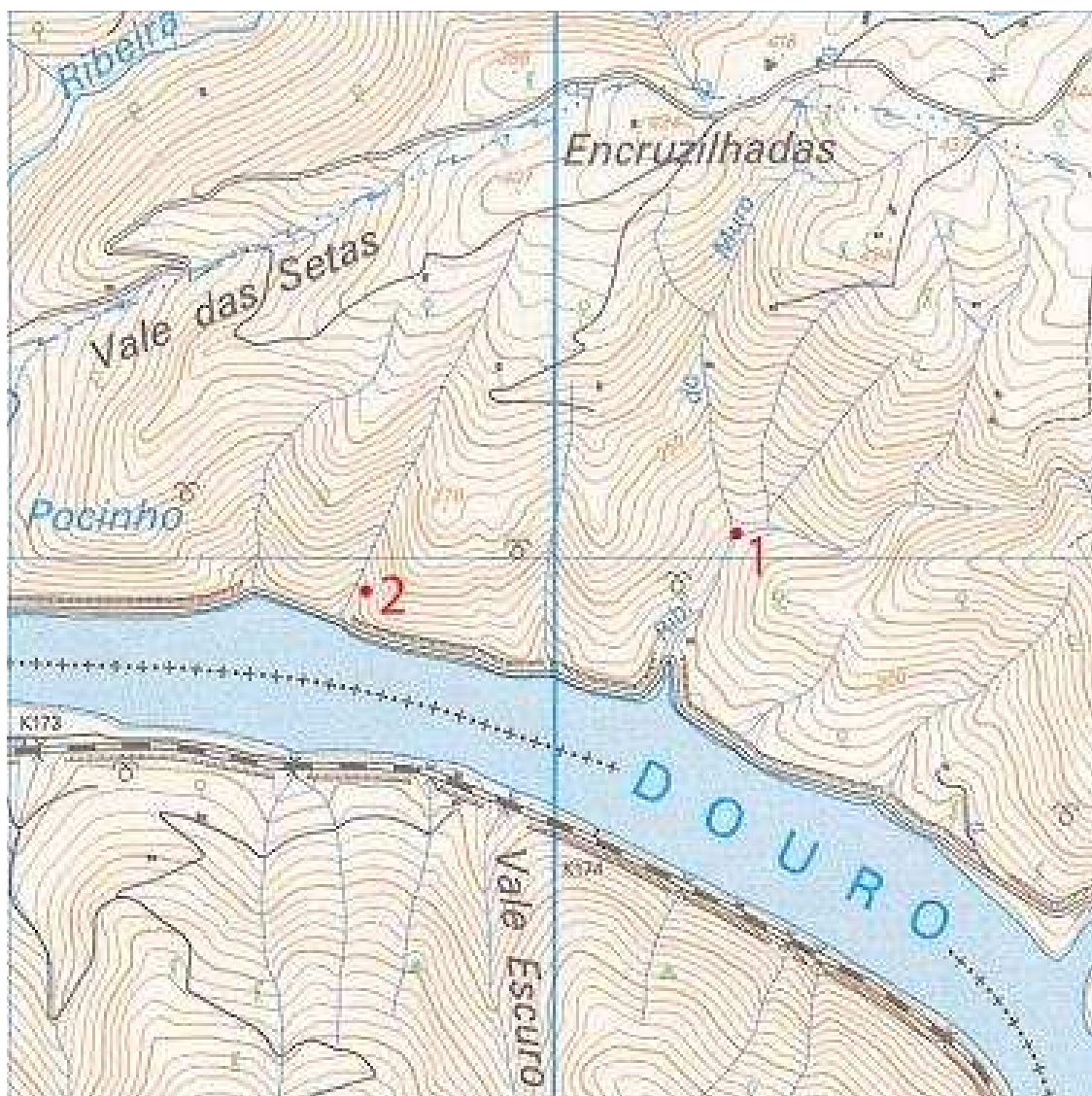


Figura 61. Localização na folha 130 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000 (edição de 1994) dos muros da Ribeira do Muro (1) e das Encruzilhadas (2).

2.15. Muro da Ribeira do Muro

Localiza-se entre a confluência de uma linha de água secundária com a Ribeira do Muro, subsidiária da margem direita do Douro. De acordo com a folha 130 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 08' 27, 62''

N; 07° 14' 44, 03" O, encontrando-se a uma altura média de 172 m (Fig. 61). Administrativamente pertence à freguesia de Açoreira, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança. Implanta-se em zona de declive acentuado (26 %), debruçando-se para sudoeste, sobre a confluência de águas referida atrás.



Figura 62. Face exterior do muro da Ribeira do Muro.

Apresenta planta sub-circular (Fig. 62); o muro é construído exclusivamente com xisto. O aparelho (Fig. 63) caracteriza-se pela sobreposição simples de elementos pétreos que, pese o facto de corresponderem tendencialmente a lajes, podem apresentar várias formas e calibres; a face exterior é bastante mais regular que a interior, tendo sido aquela que serviu de eixo para a edificação. Não se observa qualquer ligante. O interior mede respectivamente 24,90 m e 23,85 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 3,00 m do lado superior, os 3,60 m do lado direito, os 3,00 m do lado inferior e os 3,10 m do lado esquerdo. A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. A porta (Fig. 64) situa-se no lado esquerdo, orientando-se para este; Mede 2,00 m de altura, 0,85 m de largura e 0,65 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes de xisto; os lados caracterizam-se por espaços vazios entre as lajes que são ocupados por paus que servem para prender a porta. Observam-se seis socalcos construídos em pedra seca, sendo que um deles (Fig. 65) se

relaciona com a utilização actual do sítio como horta/laranjal/olival. No interior encontra-se ainda um poço e uma casa de apoio de planta rectangular (Fig. 64) situada imediatamente à esquerda da entrada; é construída em pedra seca e dispõe de uma porta no lado norte; à direita desta encontra-se um nicho definido por lajes de xisto (Fig. 66), existindo outros dois no interior. Ainda no interior observa-se também uma bancada em pedra.

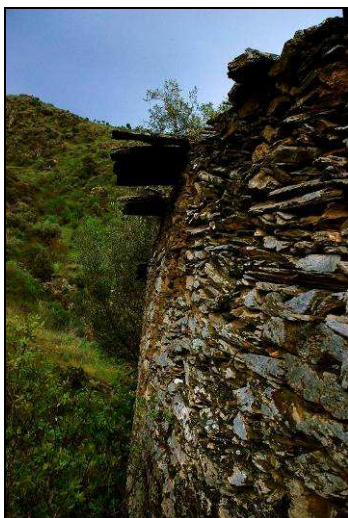


Figura 63. Pormenor do aparelho do mesmo muro.



Figura 64. Porta e anexo interior do mesmo muro.



Figura 65. Socalco do muro da Ribeira do Muro.

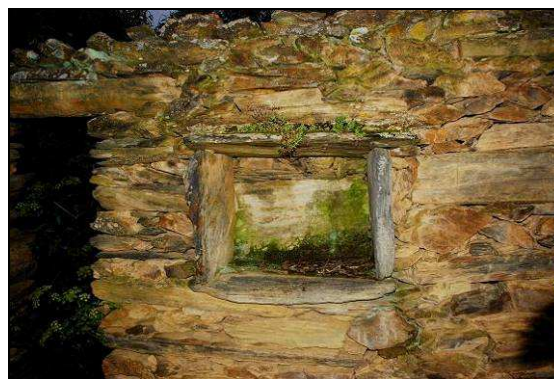


Figura 66. Nicho do anexo interior do muro da Ribeira do Muro.

2.16. Muro das Encruzilhadas

Localiza-se em terreno declivoso (18,5 %) para leste de ribeira que nascendo no cabeço das Encruzilhadas segue praticamente em linha recta até ao Douro. Situa-se a cerca de 700 m para oeste-sudoeste do anterior. De acordo com a folha 130 da Carta Militar de Portugal, escala

1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 08' 24, 20" N; 07° 22' 40" O, encontrando-se a uma altura média de 160 m (Fig. 61). Administrativamente pertence à freguesia de Açoreira, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança. Debruça-se para sul, na direcção do Douro.

Apresenta planta sub-rectangular (Fig. 67); o muro é construído exclusivamente com xisto. O aparelho caracteriza-se pela sobreposição simples de elementos pétreos que, pese o facto de corresponderem tendencialmente a lajes, podem apresentar várias formas e calibres; a face exterior é bastante mais regular que a interior, tendo sido aquela que serviu de eixo para a edificação. Não se observa qualquer ligante. O interior (Fig. 68) mede respectivamente 33,58 m e 19,24 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 1,10 m do lado superior, os 2,20 m do lado direito, os 2,60 m do lado inferior e os 1,90 m do lado esquerdo. A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. Existem duas portas, localizadas no lado esquerdo e no direito, respectivamente orientadas para oeste e este; a primeira mede 1,60 m de altura, 0,85 m de largura e 0,85 m de espessura. A segunda mede 0,90 m de largura e 0,80 m de espessura, encontrando-se demasiado destruída para se poder inferir uma altura rigorosa; em nenhuma se identificam soleiras ou lintéis. Observam-se cinco socalcos construídos em pedra seca, assim como um apoio individual para cortiço. No interior, entre os lados superior e esquerdo encontra-se um anexo de planta rectangular construído em pedra seca e já muito destruído (Fig. 69). Ainda subsistem três colmeias no seu interior; uns metros abaixo encontra-se um colmeal ainda em produção.



Figura 67. Vista geral do muro das Encruzilhadas.



Figura 68. Interior do muro das Encruzilhadas.

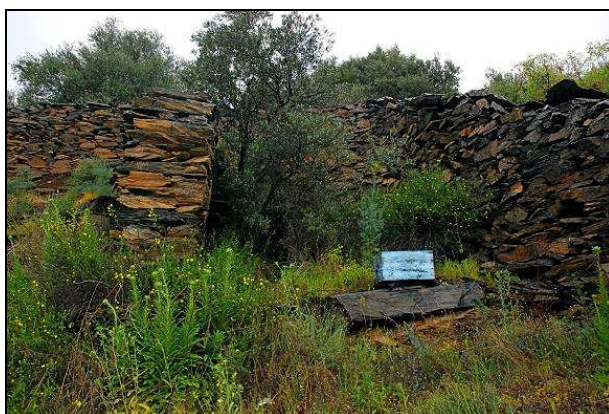


Figura 69. Anexo interior do muro das Encruzilhadas.

Outra estrutura inventariada apresenta algumas características que não nos permitem inferir com rigor a sua funcionalidade. Uma vez que uma das hipóteses possíveis é corresponder a um muro-apiário, serão alvo também da nossa descrição.

2.17. Muro do Monte

Localiza-se perto do topo de uma elevação bordejada a sudoeste por uma linha de água afluyente da margem direita da ribeira de Piscos, a cerca de 700 m para su-sudeste do muro II epónimo. De acordo com a folha 141 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (edição de 1994) ocupa as seguintes coordenadas geográficas: 41° 01' 05, 21" N; 07° 07' 38, 28" O, encontrando-se a uma altura média de 340 m (Fig. 43). Administrativamente pertence à freguesia de Santa

Comba, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Implanta-se em zona de declive não muito pronunciado (17 %), debruçando-se para sul-sudeste, sobre a linha de água referida atrás.

Apresenta planta sub-circular (Fig. 70); o muro é construído com xisto e residualmente algum granito, utilizando argila como ligante. O aparelho (Fig. 71) aparece-nos sob a forma de uma justaposição de elementos pétreos de diversas formas e calibres que se intercalam com lajes de grande dimensão dispostas na horizontal; a superfície da face exterior é mais regular que a da interior. Este mede respectivamente 11,60 m e 13,50 m de comprimento longitudinal e transversal. A altura do muro varia entre os 2,00 m do lado superior, os 2,20 m do lado direito, os 3,40 m do lado inferior e os 2,20 m do lado esquerdo. A cobertura corresponde a um beirado saliente para o exterior. A porta (Fig. 72) situa-se no lado direito, no seu sector superior, orientando-se para noroeste; Mede 1,30 m de altura, 0,70 m de largura e 0,75 m de espessura. O lintel e a soleira correspondem a lajes; no interior observam-se três degraus compostos por lajes que ajudam a vencer o certo desnível entre a área cercada e o exterior. Observa-se um socalco que aproveita afloramento. Observa-se um ligeiro restauro no lado inferior. O muro encontra-se entre a Quinta do Monte e a da Ervamoira. A cerca de 200 m existe um antigo curral.



Figura 70. Vista exterior do muro do Monte.

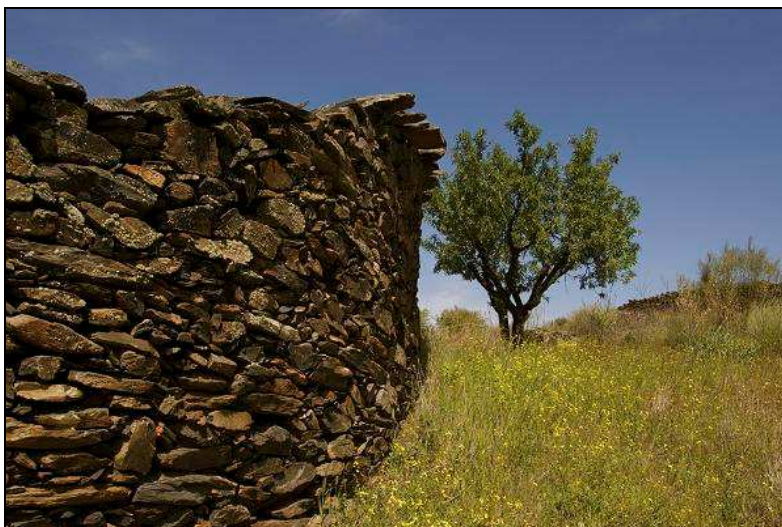


Figura 71. Face exterior do muro do Monte.

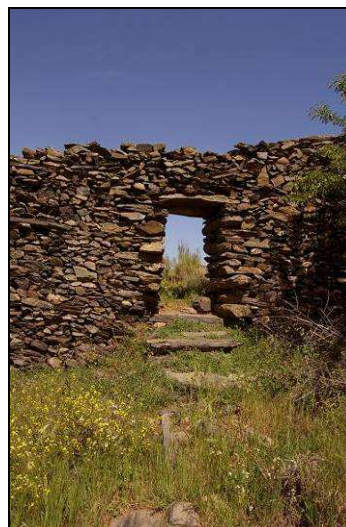


Figura 72. Porta do muro do Monte vista do interior.

3. Implantação

Todos os muros que aqui estudamos encontram-se em relação com duas linhas de água, sendo que uma é geralmente sazonal.

Em relação ao posicionamento topográfico, a maior parte deles implanta-se no terço inferior das encostas, existindo apenas três casos localizados mais perto dos topos (Texugo, Tapada da Penascosa, Monte).

As cotas variam entre os 155 m da Ribeirinha e os 407 m do Curral Alto. Deste modo se observa que, como no Alto Tejo português, também aqui as altitudes absolutas não parecem ter influenciado na escolha dos locais de implantação.

As inclinações são na sua maioria superiores a 20% (ver *infra*), existindo apenas três casos com valores inferiores (Monte, Texugo e Vale de Moinhos).

Nove dos muros que aqui estudamos orientam-se para sul, sete para sudeste, um para sudoeste e outro para sudoeste.

Por tudo o que atrás foi dito, verificamos que estes dados não se afastam dos recolhidos no Alto Tejo português (HENRIQUES *et alii*, 1999-2000, 333). Tal como ali, estão aqui reunidos os vários factores que condicionam a prática apícola, a saber – proximidade de água, localização preferencial no terço inferior das encostas, topografias inclinadas e boa exposição solar.

4. Caracterização

Onze das estruturas que aqui estudamos são de planta sub-circular, variando os seus comprimentos entre os 25,00 m do muro do Curral Alto e os 11,60 m do muro do Monte. Contudo, como referimos, a atribuição funcional deste não é certa, pelo que entre aqueles cuja interpretação como muros-apiários é mais rigorosa, é o de Vale de Moinhos que apresenta menor dimensão (comprimento de 14,65 m). O muro de Hortastortas apresenta actualmente uma planta semicircular. Devendo este facto corresponder a um problema de conservação, não podemos deixar de referir que no Alto Tejo português foi identificada uma estrutura em U fechado (HENRIQUES *et alii*, 2001, 334). Para além da excentricidade do seu estado actual, esta estrutura destaca-se também pelas suas dimensões (comprimento de 40,70 m). Os restantes muros, em número de sete são de planta sub-rectangular cujos lados maiores variam entre os 42,00 m da Ribeira do Picão e os 14,50 m do muro II do Orgal; os lados menores estão inseridos num intervalo balizado pelos 31,00 m do primeiro muro e os 6,40 m do segundo. Ao nível das plantas não encontramos grandes dissemelhanças entre estas estruturas e as do Alto Tejo português, existindo aqui, no entanto, uma maior proporção de plantas rectangulares (HENRIQUES *et alii*, 2001, 334).

As alturas dependem muito da utilização ou não de afloramentos como suporte. Um bom exemplo deste caso corresponde ao muro de Vale de Janas que se trata da nossa estrutura mais alta (5,90 m com afloramento). Se tivermos em conta apenas o muro em si, a estrutura mais alta corresponde à da Ribeirinha (4,90 m). O muro mais baixo é o II do Orgal (1,30m). Este, no entanto, pode estar algo desmantelado. De qualquer modo, o I do mesmo sítio, que se encontra melhor conservado, apresenta apenas 1,50 m de altura. Algumas observações são passíveis de serem expostas: uma é que as alturas dos muros sub-circulares (média de 4,18 m) são maiores que as dos sub-rectangulares (média de 2,42 m); outra é que o valor mínimo é igual ao do Alto Tejo português (HENRIQUES *et alii*, 2001, 334), ligeiramente superior ao do Gerês – 1,00 m

(DIAS, s/d *apud* HENRIQUES *et alii*, 2001, 334) – e inferior aos de Navia de Suarna (GONZÁLEZ, 1998 *apud* HENRIQUES *et alii*, 2001, 334). Já a altura máxima, mesmo tendo em conta apenas aquelas que não assentam em afloramento, é superior a todas aquelas regiões (4,00 m, 4,72 m e 4,00 m respectivamente). Tal como no Gerês e no Alto Tejo português, também aqui foram identificados casos cujas paredes se encontram abauladas para fora.

As espessuras dos muros variam entre os 1,30 m da Volta da Picanceira e os 0,58 m do de Vale de Moinhos. Também aqui se observa uma diferença entre os de planta sub-circular (média de 0,90 m) e os restantes (média de 0,70 m). É óbvio que este facto pode estar condicionado pela altura, mas o facto é que o que apresenta menor dimensão é um exemplar sub-circular. Comparativamente, estas medidas não se afastam muito daquelas das regiões do Alto Tejo português e Navia de Suarna (HENRIQUES *et alii*, 2001, 334).

Relativamente às áreas, também se observam diferenças entre os muros sub-circulares (média de 405,97 m²) e os sub-rectangulares (média de 537,43 m²). Se os separamos por classes seguindo os critérios dos nossos colegas do Alto Tejo português (classe 1: até 250 m²; classe 2: 251-500 m²; classe 3: acima de 501 m²) (HENRIQUES *et alii*, 2001, 334), observamos que entre os sub-circulares predominam os de classe 1 e 2 (quatro exemplares cada), seguidos dos de classe 3 (três exemplares); entre os sub-rectangulares estão ausentes os de classe 2, denotando-se uma ligeira predominância dos de classe 3 (quatro exemplares) em relação aos de classe 1 (três exemplares). Devem destacar-se pelo tamanho, os muros de Hortastortas (sub-circular – 1080 m²) e da Ribeira do Picão (sub-rectangular – 1302 m²). Estas dimensões (sobretudo as máximas) afastam-se das restantes áreas estudadas a que temos vindo a fazer referência. As dimensões exageradas destes dois muros podem, no entanto, dever-se ao facto do potencial florístico da área envolvente, factor para o qual os colegas do Alto Tejo português já tinham alertado. Na verdade, ambas as estruturas se encontram muito próximas (625 m) e integram um grupo que corresponde à maior concentração deste tipo de estruturas na região (Fig. 2). Para além disso ainda hoje existem vários colmeais nas imediações.

Relativamente às matérias-primas utilizadas na construção dos muros, predomina largamente o xisto, ocorrendo o granito (Hortastortas, Ribeira do Picão e Monte) e o quartzo (Vale de Janas, Ribeirinha e Ribeira do Picão) pontualmente e sempre de forma residual. Estas ocorrências pontuais devem-se à proximidade destas matérias-primas sob a forma de seixos, tanto neste sector do Côa como da Ribeirinha.

No que concerne aos aparelhos, podemos distinguir quatro tipos: o primeiro corresponde à sobreposição simples de lajes de maior ou menor dimensão (Vale de Janas, Ribeirinha, Olival do Ferreira, Vale de Moinhos); o segundo caracteriza-se pelo intercalamento de fiadas de lajes com estratos compostos por elementos pétreos de diversas formas e calibres (Hortastortas e Tapada da Penascosa); o terceiro define-se pela existência a espaços regulares de lajes de xisto de dimensões consideráveis num muro formado à base de elementos pétreos de diferentes calibres e formas (Volta da Picanceira, Quinta da Leda, Curral Alto, Ribeira do Muro, Monte, Texugo e muro I do Orgal); o quarto corresponde à justaposição mais ou menos desordenada de diferentes elementos pétreos (Ribeira do Picão, muro II do Orgal e ambos os muros de Piscos). Tendencialmente, os muros de planta sub-rectangular integram-se no quarto tipo, correspondendo o Texugo e muro I do Orgal às excepções (integram o tipo 3). Entre os circulares não existe nenhum que corresponda às características do quarto tipo. Entre estes predomina o terceiro tipo, seguindo-se o primeiro e o segundo. Para além destas formas de delimitar os cercados, devemos ainda destacar o caso do muro I do Orgal, que é em parte delimitado por uma fiada de lajes fincadas. A utilização de ligante só foi identificada em Hortastortas e Vale de Moinhos.

Várias alterações são visíveis em vários destes muros: acrescentos, restauros, condenações de portas, construções de estruturas anexas, etc. Factos que evidenciam bem a complexa genealogia das construções que agora estudamos.

Relativamente às coberturas apenas foi identificado o beirado saliente para o exterior. Contudo, a maior parte dos de planta sub-rectangular podem nunca ter tido um remate deste tipo.

As portas são geralmente de pequenas dimensões (altura média de 1,41 m e largura média de 0,83 m). Destacam-se pelo afastamento destes valores os muros da Ribeira do Muro (2,00 m de altura), do Curral Alto (1,00 m de altura), do Olival do Ferreira (0,65 m de largura) e da Ribeira do Picão (1,30 m de largura). Ao nível das orientações observa-se a exclusão do sul e a distribuição de várias situações pelas outras direcções, destacando-se o Oeste seis exemplares) e o Nordeste (quatro exemplares). Mais relevante parece ser a escolha do lado onde se encontra a porta, verificando-se uma clara preferência pelos lados esquerdo e direito (sete e nove exemplares respectivamente), e um claro desfavorecimento dos restantes – dois casos no lado superior e um no inferior. Este último caso não corresponde contudo a uma porta no sentido estrito mas a uma interrupção da fiada de lajes que limita este lado no muro I do Orgal.

Relativamente às inclinações, optámos por uma divisão em três classes: baixa (até 20%), média (de 21 a 30 %) e elevada (acima de 30 %), tendo em conta que a mínima da região é de 17% (Monte) e a máxima 45% (Quinta da Leda). Assim, é possível observar-se que três casos integram a primeira classe, cinco a segunda e nove a terceira. Esta predominância das inclinações elevadas é algo que não se afasta das situações verificadas nos restantes casos estudados. Tal característica topográfica era vencida através da criação de socalcos, sejam eles construídos em pedra seca ou a partir do aplanamento de afloramentos, situações que se verificam em todos os casos estudados. A orientação destes era maioritariamente perpendicular ao eixo longitudinal dos cercados. Por aqui se distribuíam os cortiços e colmeias, geralmente em fiadas. Em alguns casos foram também identificadas lajes que serviriam também de suportes para aquelas estruturas móveis.

Se no interior destes espaços são por vezes ainda encontrados cortiços ou colmeias que atestam a utilização recente dos mesmos (como é o caso do muro das Encruzilhadas), a maior parte encontra-se em abandono ou a desempenhar novas funções (hortas/olivais – v. g. Ribeira do Muro; currais – Ribeirinha).

Em alguns deles foram identificadas estruturas de apoio à actividade apícola – Ribeirinha, Ribeira do Picão, Ribeira do Muro, Encruzilhadas, Piscos I, Hortastortas, etc. Alguns deles integram complexos de maior dimensão como sejam os casos do Texugo e da Ribeirinha. Nas imediações não raramente se encontram calçadas, pombais, currais, colmeias ainda activos, etc.

5. Discussão final

Estruturas como as que aqui estudamos têm vindo a ser identificadas em vários pontos do nosso país, sendo a sua concentração particularmente evidente no interior (HENRIQUES *et alii*, 1999-2002, 330). Excepções a esta regra são os muros identificados na serra do Gerês (DIAS, 1993 *apud* HENRIQUES *et alii*, 1999-2002, 330). Outra possível excepção podem ser oito estruturas existentes na zona de Sabrosa (FAUVRELLE, 2003, 228) cujos paralelos com os nossos casos sub-circulares são por demais evidentes. A autora que os publica interpreta-as, no entanto, como pomares cercados (mesmo admitindo o seu uso complementar como colmeias). Assumindo que a imponentia destes muros não justificaria do ponto de vista da rentabilidade o investimento

realizado apenas para proteger alguns pés de árvores de fruto, considera não existirem estudos suficientes que garantam a sua interpretação como muros-apiários. Deste modo, explica o seu aparecimento no contexto da segunda metade do século XIX, quando a miséria decorrente das doenças da vinha teria por um lado aumentado o medo dos roubos e por outro facilitado a oferta de mão-de-obra suficiente para a construção destes edifícios (FAUVRELLE, 2003, 229). Esta explicação parece-nos um pouco forçada, até por um outro dado que a autora nos fornece. Na verdade, segundo aquela, a tradição popular diz-nos que foram os grandes proprietários que edificaram estas construções para se encontrarem em segredo com as criadas que aí vinham lavar a roupa. Ora, este tipo de explicação parece ser melhor aplicada a construções cuja origem já se perdeu no tempo e não a algo que por ter aparecido tão recentemente, certamente teria deixado memórias mais vivas da sua funcionalidade.

Esta pequena referência aos muros de Sabrosa prende-se com a ideia de que estas construções se encontram mais espalhadas pelo território nacional e que não são conhecidas por vazios na investigação. Por outro lado, o desconhecimento da sua funcionalidade remete-nos para uma antiguidade maior destas estruturas em relação às de planta sub-rectangular e de características mais modestas que ali ainda se encontram em uso (FAUVRELLE, 2003, 229, 234, foto superior).

Ora o que observamos no nosso caso de estudo também nos remete para uma maior antiguidade dos recintos de planta circular. São em geral mais altos, espessos e de aparelho melhor cuidado; enquanto há memória da construção de pelo menos um de planta sub-rectangular (muro das Encruzilhadas que terá sido construído há cerca de 90 anos), a origem dos restantes perde-se no tempo. Se tivermos em conta que os primeiros terão sido construídos ainda em função do urso, mais razão vemos para tal diferença cronológica.

Se, como dissemos atrás, ainda no século XX eram construídos muros e muitos mais utilizados (sabemos para além do das Encruzilhadas, dos dois do Orgal, do da Ribeira do Muro e do da Volta da Picanceira, sendo que os dois últimos são de planta sub-circular), não podemos precisar em que época começaram a ser erigidos. Deveremos no entanto destacar as fontes dos costumes e foros de Riba-Côa que referem o *mellitor* e o *colmenero* (MARREIROS, 1996, 440). Já na Idade Moderna a cultura das abelhas é exposta, nas *Memória Paroquiais* da região que nos transmitem a relativa importância que a produção do mel teria na economia local. Na verdade, apenas nas Memórias Paroquiais de Mós e Murça temos referências indirectas da prática apícola. De acordo com aqueles inquéritos, a cera “por fazer ou obrar” contava-se entre a

côngrua dos párocos respectivos (COIXÃO & TRABULO, 1999, 287, 300). A apicultura parece voltar a ganhar alguma importância relativa apenas a partir do século XIX com a introdução das colmeias Langstrongh (FAUVRELLE, 2003, 234). Na Idade Moderna a produção do mel poderá ter decaído como consequência da introdução do açúcar na cozinha europeia que progressivamente vai substituir o mel enquanto fonte de sacarose fundamental. No entanto, a produção de cera conservava a sua importância para o quotidiano das populações.

Esta pequena resenha histórica permite-nos inferir que, a ter em conta a relevância económica dos produtos derivados da apicultura, é na Idade Média ou inícios da Época Moderna que devemos situar grande parte destas construções. Ora, se tivermos em conta que as diferenças estruturais apontadas acima entre muros sub-circulares e sub-rectangulares terão uma explicação cronológica, então devemos considerar os primeiros como mais antigos, devendo um número substancial deles situar-se naquela época. Para além da relevância económica, podemos apresentar mais duas razões que nos apontam para esta conclusão. O primeiro prende-se com o desconhecimento da função original destas estruturas, fenómeno que, como já referimos, também se verifica em Sabrosa. No caso do Côa, a partir das informações orais que recolhemos, sabemos que a tradição popular interpreta estes cercados como fojos ou currais⁵. A segunda prende-se com a explicação última para a imponente destas construções. Como se sabe, estas têm sido explicadas como defesas contra os ursos, animal formalmente extinto no território nacional no século XVII⁶, mas bastante abundante na região de Riba-Côa durante a Idade Média como se pode deduzir das fontes medievais, destacando-se entre estas a *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes que no seu capítulo XCIX relata a caçada de um urso pelo Infante D. João nestas paragens.

Assim, para a região podemos propor uma evolução diacrónica que faz remontar os muros sub-circulares à Idade Média. A utilização destes ter-se-á prolongado no tempo. Com o desaparecimento do urso, a par da gradual queda da relevância económica da apicultura que terá deixado de justificar o dispêndio de energia gasto na construção de muros de grandes dimensões, ter-se-á começado a construir os de planta sub-rectangular. Alguns de planta sub-

⁵ Isto não quer dizer que a utilização de alguns destes muros como colmeias fosse desconhecida. Como dissemos previamente, em relação aos da Ribeira do Muro e da Volta da Picanceira ainda há memória da existência de cortiços no seu interior. O que se passa é que a razão para a sua construção não teria que ver com esta funcionalidade.

⁶ No entanto, segundo informação pessoal de António Monteiro (biólogo do Parque Natural do Douro Internacional) existem algumas pistas que podem denunciar a presença, pelo menos esporádica, de ursos nesta zona raiana até mais tarde. A extinção deste animal em Las Hurdes apenas no século XIX é um dado que poderá indiciar-nos que a passagem de animais errantes por estas paragens não seria incomum.

circular menos monumentais, tais como os muros do Monte ou Vale de Moinhos, poderão também ser mais recentes. Estas estruturas menos imponentes chegariam bem para a protecção de outros predadores como o texugo ou o saca-rabos. Por outro lado, seriam também suficientes para cumprir outra função importante – a protecção dos colmeais contra o vento. Esta foi aliás, segundo informadora local, a razão por trás da construção do muro das Encruzilhadas pelo seu pai.

Pouco mais podemos dizer com os dados de que dispomos actualmente. Se conclusão última há a tirar deste texto é que o aprofundamento do estudo destas estruturas na região e fora dela deverá ser incrementado. Por tudo o que atrás dissemos, facilmente o leitor se apercebe que a comparação com os dados de outras regiões foi algo de fundamental para as nossas elucubrações. Por outro lado, revelou-se também de fundamental importância o cruzamento de informações arqueológicas com dados históricos e outros recolhidos oralmente. Tudo isto nos leva a afirmar que para um estudo rigoroso destas construções deve contar-se com os contributos de vários ramos do conhecimento que muitas vezes não andam tão juntos como seria desejável. E como se sabe (ou se deveria saber) o estudo rigoroso de qualquer património é a pedra basilar da sua valorização futura...

Bibliografia

CARAMELO, A. (2003). *Monografia de Trancoso*, Trancoso, edição do autor.

COIXÃO, A. do N. S. & TRABULO, A. A. R. (1995). **Evolução político-administrativa na área do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa. Séculos XII a XX**, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COIXÃO, A. do N. S. & TRABULO, A. A. R. (1999). **Por Terras do Concelho de Foz Côa – Subsídios para a sua História. Estudo e Inventário do seu Património**, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (2ª edição).

COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H. LOUSÃ, M. & NETO, C. (1998). **Biogeografia de Portugal Continental**, Bragança, Associação Lusitana de Fitossociologia (ALFA) [“Quercetea”, vol. 0].

DIAS, P. (s/d). **Colmeias da Serra do Gerês. O urso e as abelhas**, *O Apicultor*, Cascais.

FAUVRELLE, N. (2003). **O Douro das quintas de Cima Corgo**, Viver e saber fazer. Tecnologias tradicionais na Região do Douro. Estudos preliminares, Peso da Régua, Museu do Douro, p. 181-239.

FERREIRA, A. B. (1978). **Planaltos e montanhas do Norte da Beira – Estudos de Geomorfologia**, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4].

GONZÁLEZ PÉREZ, C. (1998). **A Apicultura tradicional no concelho de Navia de Suarna (Lugo)**, Lugo, Diputacion Provincial.

HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., CORREIA, F. B., SANTOS, C. & GARDETE, J. J. (1999-2000). **Muros-apiários da bacia do médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres)**, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, Marvão, Câmara Municipal de Marvão, p. 329-363.

LAUTENSACH, H. (1997). **As características climáticas**, in RIBEIRO, O. & LAUTENSACH, H., *Geografia de Portugal*, vol. II. O Ritmo Climático e a Paisagem, Lisboa, Edições Sá da Costa, p. 539-566.

LOPES, F. (1986). **Crónica de D. Fernando**, Porto, Livraria Civilização.

MARREIROS, M. R. F. (1997). **Os proventos da terra e do mar**, in COELHO, M. H. da C. e HOMEM, A. L. de C (coords.), Portugal em definição de fronteiras – Do Condado Portucalense à crise do século XIV in SERRÃO, J. & MARQUES, A. H. de O. (dirs.), Nova História de Portugal, vol. III, Lisboa, Editorial Presença, p. 400-475.

MEIRELES, J. (1997). **O Quaternário do Vale do Côa**, in ZILHÃO (coord.), Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa, Ministério da Cultura, p. 41-54.

SILVA, A. F. & RIBEIRO, M. L. (1991). **Notícia explicativa da Folha 15-A (Vila Nova de Foz Côa) da Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50000**, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.